

# Ministro reage às críticas ao último acordo

BRASÍLIA — Apesar de estar adotando um discurso sobre a questão da dívida que em muitos pontos se aproxima cada vez mais do de seus críticos, o ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, rebate com dureza os ataques que vem recebendo por causa do acordo que fez no semestre passado com os bancos credores, não poupando sequer o presidente do PMDB e eventual vice-presidente da República, Ulysses Guimarães. "Pessoas de boa fé tendem a aceitar qualquer coisa que se diga a elas — que esse acordo não presta, que ele é danoso para o país. Ulysses usou a palavra danoso. São pessoas (os críticos do acordo) que não participaram das negociações, que não sabem como funciona isso e poderiam, se no poder, levar o país a uma aventura. Entendo que muitos estão falando isso por uma conveniência eleitoral. Uma vez no poder, certamente não fariam o que estão dizendo em praça pública".

"Temos uma memória muito curta. De uma hora para outra, está tudo errado", queixa-se Mailson ao se referir à aceitação pela opinião pública das críticas sobre erros na estratégia da negociação da dívida, que ele insiste repetidamente serem colocações meramente "falaciosas". "Tem muita gente falando desse negócio de dívida externa que nem sabe preencher um cheque; é a secretária quem preenche", afirma ele.

**Expert** — Demonstrando estar profundamente magoado com os ataques, principalmente com o questionamento de sua capacidade, o ministro da Fazenda assegura: "Eu duvido que alguém tenha estudado mais a questão da dívida externa do que eu no Brasil. Li pelo menos uns 15 livros sobre o assunto. Não estou dizendo que sou o maior *expert* nisso, mas que é um negócio que estudei para valer, isto é. E vivi. Vivi os diversos lados da dívida externa. Vivi a crise de 83 aqui (como integrante do alto escalão do ministério da Fazenda). Vivi a mudança de 85 trabalhando do outro lado, como banqueiro (no Eurobrás, em Londres). E estou agora vivendo a terceira fase da dívida, como ministro".

Ao falar sobre o Plano Baker, Mailson relaciona sem dificuldade os 17 países devedores que deveriam ser beneficiados pelo projeto do secretário do Tesouro norte-americano. Ao terminar a lista, comenta com uma ponta de orgulho: "Eu já estudei tanto isso que até já decorei os nomes dos países".

**Falácia** — "Tem muita gente falando da questão da dívida, ora sem conhecimento mais aprofundado de suas origens, ramificações e desafios, ora com objetivos meramente políticos. O tema se presta muito ao populismo", diz o ministro, exemplificando: "Se alguém chega numa capital populosa do Brasil, sobe numa caixa de madeira e diz que o trabalhador está perdendo salário porque o governo está pagando a dívida externa, o discurso é facilmente aceito por quem não conhece o complexo sistema de pressões, interesses e poder que permeia toda essa questão da dívida".

"Tem ganho fôlego no Brasil uma fala que é de efeito populista muito grande, mas que é destituída de qualquer fundamento técnico", continua ele. "É a frase que vem sendo dita pelo Quércio, pelo Ulysses e por outros menos cotados. De que o Brasil tem uma dívida que vale 40 e continua pagando juros sobre 100. Para as pessoas que não entendem e têm a informação do outro lado de que o mercado secundário de títulos cotou a dívida brasileira qualquer dia desses a 38% do seu valor, elas ligam uma coisa com a outra e dizem: olha, esse homem está certo, quem está errado é o governo, que negociou a dívida. Mas isso é uma falácia que cai muito bem nos incautos e nos desinformados".

Mailson dá outro exemplo "de como as coisas são falaciosas": "Andam dizendo que, apesar do acordo da dívida externa, a cotação dos títulos caiu. Nada mais falacioso também. São coisas de efeito, que o desavisado aceita logo de cara. O mercado secundário caiu não só no Brasil mas em todos os países, independente do país ter ou não feito acordo com os bancos".

**Interessados** — "O grande interessado nesse processo de compra ou de aval da dívida são os bancos", prossegue o ministro. "O que leva muitas pessoas a dizerem ingenuamente: até os bancos estão querendo, estão dispostos a perder dinheiro, o governo é que não se dá conta disso! O grande interessado num esquema desse são os bancos porque eles já têm 50%, 60%, 70% de provisões para cobrir prejuízos nos empréstimos aos países do Terceiro Mundo. Já têm bancos na Europa, sobretudo na Alemanha e na Suíça, que têm 80% de provisão para os seus créditos na América Latina".

A criação de uma agência internacional para compra das dívidas do Terceiro Mundo, segundo o ministro da Fazenda, permitirá aos bancos credores desempenhar o papel de "bonzinhos", numa distorção completa da verdadeira situação. "Suponha que a agência compre a dívida, na hipótese muito otimista com 50%, de desconto. Porque quando ela for comprar, esse desconto vai diminuir. O que faz o banqueiro? Ele recebe 50% do valor da dívida e, como tinha feito provisão de 70%, reverte 30% de lucro para ele e ainda se apresenta aqui às esquerdas como um sujeito de muita sensibilidade", diz Mailson, completando com desolação: "Tem muita, muita falácia nesse negócio da dívida".